

ENTRE GRITOS E RESISTÊNCIAS: A POTÊNCIA DA EDUCAÇÃO NAS (R)EXISTÊNCIAS DE CORPOS DISSIDENTES EM O DIABO EM FORMA DE GENTE

<https://orcid.org/0000-0003-4206-358X>  Renan Corrêa^A

^A Professor de Geografia da Prefeitura Municipal de Itaboraí, RJ, Brasil

*A bichinha preta reagiu e procurou um lugar. Resistiu.
O discurso que tentou neutralizá-la foi o combustível
que a lançou no mundo. Megg Rayara Gomes de
Oliveira*

É com profundo respeito e genuína admiração que me proponho a realizar a tarefa de escrever esta resenha sobre a obra *O Diabo em Forma de Gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*, escrita por Megg Rayara Gomes de Oliveira. Publicado pela Editora Devires no ano de 2020, o livro constitui-se como resultado da tese de doutorado defendida pela autora na Universidade Federal do Paraná (UFPR), consolidando-se, sem qualquer sombra de dúvida, como uma produção acadêmica de inegável relevância no cenário nacional. Trata-se de um trabalho que representa um marco fundamental na construção de saberes que articulam, de maneira crítica e comprometida, os campos da educação, dos estudos de gênero, das sexualidades e das negritudes no Brasil.

A autora, cuja trajetória é histórica por ser reconhecida como a primeira travesti¹ negra a obter o título de doutora no país, constrói uma narrativa que ultrapassa os limites convencionais do texto acadêmico tradicional. Seu livro se configura como um grito insurgente, uma narrativa intensamente atravessada pelas experiências do vivido, uma proposta pedagógica enraizada na resistência e uma manifestação política contundente que denuncia, de forma explícita e corajosa, as fissuras e contradições de um sistema educacional

¹ Termo exclusivamente brasileiro que engloba a expressão de gênero travesti. A palavra travesti é utilizada como opção política, pois está relacionada às primeiras formas de lutas e visibilidade das identidades transexuais e transgêneras no Brasil. Designação dada à pessoa nascida biologicamente homem que se identifica como pertencente ao gênero feminino. Para sua identificação é preciso a colocação do artigo feminino “a”, demarcando que se trata do gênero feminino: a travesti. (SEPULVEDA, CORREA E FREIRE, 2021, p.33)



que, ainda hoje, marginaliza, silencia e exclui corpos dissidentes², especialmente aqueles marcados pelas intersecções de raça, gênero e sexualidade. Em sua escrita, Megg Rayara promove um deslocamento epistemológico ao valorizar epistemes que historicamente foram subalternizadas, reafirmando a urgência de repensar as práticas e os discursos que atravessam o cotidiano das instituições escolares.

Este livro, se torna um obra extremamente necessária para aqueles³, que assim, como eu, como a Megg e tantos outros, sofreram processos de exclusão pelo fato de não apresentarem comportamentos de acordo com a genitália que nascemos, ou seja, se nascemos com pênis, temos que, como dizem, honra-lo e sermos verdadeiros machos viris, se nascemos com vagina, temos que ser a mulher perfeita, que aprende qual é o seu lugar na sociedade, que dizem ser, submissas aos homens.

Torna-se também um livro importante para aqueles, que assim como a Megg e como eu e tantos outros, buscam se munir de conhecimentos, na luta por uma sociedade mais democrática, onde todos possam ser o que quiserem ser.

Desde o título, a obra provoca, inquieta e denuncia. *O Diabo em Forma de Gente* é uma expressão que remete à violenta construção social do desvio, da anormalidade e do pecado atribuída aos corpos que fogem à cisheteronormatividade⁴ e a branquitude. Megg resgata essa imagem carregada de estigma e dor para ressignificá-la como signo de resistência e existência. O que é visto como aberração pela moral conservadora é, aqui, reapropriado como expressão viva da pluralidade humana e como forma legítima de estar no mundo. Assim, o livro se posiciona de forma radicalmente contra-hegemônica desde o início,

² Como afirmam Sepulveda e Sepulveda (2018) os corpos dissidentes são aqueles que experimentam suas sexualidades de forma oposta à heterossexualidade. Os gêneros, que também compõem muitos corpos, também podem ser dissidentes, uma vez que muitos fogem a lógica binária imposta pela sociedade como a única correta. “Meninas e mulheres devem se comportar de maneira feminina, meninos e homens devem se comportar de maneira masculina” (SEPULVEDA E SEPULVEDA, 2018, p. 87).

³ O uso do “X” na escrita busca promover maior igualdade entre homens e mulheres, contestando a regra gramatical do plural masculino, vista por alguns como sexista, e propondo um plural neutro em português, dito isto, o uso do “X” é uma tentativa de, no âmbito da escrita, tornar a língua mais democrática. De acordo com Caetano “As próprias normas gramaticais, que utilizam o masculino como genérico para os dois sexos, apagam a presença das mulheres e suas histórias, silenciando-as e ocultando-as sobre a nomeação do homem, expresso no uso do masculino. A linguagem não somente reflete a sociedade, mas também a condiciona, limitando a e guiando sua maneira de pensar, já que é um instrumento de classificação e interpretação da realidade” (CAETANO, 2019, p. 141)

⁴ A heteronormatividade ou a cisheteronormatividade, por ser considerada a “norma dominante” da sexualidade, ocupa hierarquicamente uma posição de “superioridade” em relação às demais, que acabam sendo percebidas desqualificadamente. (CORRÊA E SEPULVEDA, 2021). Ainda sobre a heteronormatividade, Butler (2010), afirma que é uma prática reguladora que produz efeitos nas relações entre os sexos, gêneros, práticas e desejos sexuais

assumindo-se como uma escrita travesti, preta, afeminada, viada, desobediente e, sobretudo, amorosa.

Ao longo da obra, a autora articula saberes oriundos da academia com saberes oriundos da vida. Dialoga com teóricas e pensadoras negras e *queer*⁵ como Audre Lorde, bell hooks, Angela Davis, Lélia Gonzalez, Suely Carneiro e Judith Butler, ao mesmo tempo em que convoca a voz das ruas, das escolas, das comunidades e das amigas travestis e bichas pretas que compartilham de sua história e de sua luta. A escrita de Megg é marcada por uma dimensão profundamente afetiva, estética e política. Ela mistura prosa, poesia, relato autobiográfico, análise teórica e crítica institucional, criando um híbrido textual que se recusa a seguir os moldes normativos do que se convencionou chamar de "texto acadêmico".

Mais do que falar sobre gays afeminados, viados e bichas pretas, Megg fala desse lugar. Seu texto é atravessado por memórias corporais e afetivas, por experiências de dor, exclusão, violência, mas também de acolhimento, amizade, deboche, desejo e alegria. A escola, nesse sentido, aparece como um espaço ambíguo: é o local da tentativa de silenciamento e normalização, mas também pode se tornar um espaço de resistência, de reinvenção de si, de encontros e de (auto)reconhecimento.

A autora denuncia as estruturas normativas da educação brasileira que, sob a aparência de neutralidade e universalidade, são profundamente marcadas por mecanismos de exclusão racial, de gênero e de sexualidade. A escola, muitas vezes tida como espaço de inclusão e formação cidadã, é desnudada como um dos principais aparelhos de produção da normatividade, onde os corpos que não performam a masculinidade branca, heterossexual e cisgênera, são reprimidos, ridicularizados e empurrados para as margens. Megg revela com profundidade como essa repressão se manifesta através de olhares, silêncios, discursos "pedagógicos", e também de violências explícitas, como agressões físicas e verbais.

Ao mesmo tempo, há na obra uma insistente celebração das potências dos corpos dissidentes. A performance afeminada, o deboche, o exagero, o corpo rebolante, a voz fina, a unha pintada, a maquiagem carregada, são apresentados como formas legítimas de existir e de resistir à normatividade. Essas expressões, historicamente tratadas como motivo de escárnio ou de correção pedagógica, são aqui valorizadas como potentes gestos pedagógicos, como atos de resistência e de (re)construção subjetiva.

⁵ Termo usado para se referir a pessoas que não se enquadram dentro do modelo de sociedade que determina que só existem os gêneros femininos e masculinos, e que todos são heterossexuais. São consideradas como aquelas e aqueles que estão fora das definições das fronteiras de gêneros e sexualidades, que não se aprisionam por elas. (SEPULVEDA, CORREA E FREIRE, 2021, p.46)

Megg propõe, então, uma pedagogia da dissidência. Uma pedagogia que não visa domesticar os sujeitos para que se adequem à norma, mas que parte da diferença como riqueza epistemológica, política e pedagógica. Uma pedagogia que não separa emoção e razão, corpo e intelecto, vivência e teoria. Uma pedagogia que reconhece o valor dos saberes situados, das epistemologias do corpo, da voz, do afeto. Nesse sentido, *O Diabo em Forma de Gente* é também uma contribuição fundamental para pensarmos outras formas de educação, mais plurais, mais democráticas, mais sensíveis às subjetividades e diferenças.

Outro aspecto relevante é a crítica que Megg faz às epistemologias tradicionais. Ela questiona, com contundência e ironia, os ideais de neutralidade, objetividade e universalidade que sustentam o pensamento acadêmico ocidental moderno. Ao fazer isso, não apenas denuncia os limites dessas epistemologias, mas propõe outras formas de conhecer e de produzir conhecimento: uma ciência travesti, preta, afetiva, indisciplinada. Uma ciência que nasce na e da experiência e que se compromete com a transformação social.

A obra também nos convida a refletir sobre a relação entre a linguagem e o poder. A escolha vocabular de Megg, sua escrita carregada de afetos e estéticas dissidentes, rompe com o que se espera de um texto acadêmico e, justamente por isso, é tão potente. A linguagem aqui é performática, criativa, provocadora. É também uma linguagem que acolhe: o texto não se coloca acima do leitor, mas ao lado dele, convidando ao encontro, à partilha, ao reconhecimento.

"O Diabo em Forma de Gente" é, assim, muito mais do que um simples livro circunscrito ao universo acadêmico. Trata-se de uma obra potente, provocadora e absolutamente necessária, que extrapola os muros da universidade e se dirige, com firmeza e delicadeza, a uma ampla gama de sujeitos historicamente marginalizados. É um texto que se comunica, de maneira direta e afetiva, com professorxs comprometidxs com a transformação social, com travestis que desafiam diariamente as normas de gênero e resistem com beleza e coragem, com estudantes que buscam no conhecimento uma forma de libertação, com militantes que lutam incansavelmente por justiça, e com todas aquelas pessoas que, em algum momento de suas vidas – especialmente durante o período escolar – ouviram, carregaram e foram marcadas pelas palavras “viado” ou “bicha” como forma de violência simbólica ou física.

Essa obra nos atravessa de forma intensa porque fala a partir de um lugar de verdade visceral, de dor que é coletiva e, ao mesmo tempo, profundamente íntima, e de uma ternura

que resiste ao cinismo do mundo. É um livro que não teme ser sensível em sua forma de expressão, que não se intimida em ser intenso na maneira como se apresenta, e que assume, com orgulho e sem concessões, sua feminilidade, sua afetação, seu exagero performativo. E é exatamente por abraçar tudo isso – aquilo que o mundo insiste em chamar de "excesso" – que sua escrita se revela, em essência, profundamente política.

Megg Rayara não nos oferece apenas um conjunto de páginas bem escritas; ela nos entrega um verdadeiro testemunho de vida, um grito de resistência, uma provocação ética e estética, e, acima de tudo, uma possibilidade real e concreta: a de imaginarmos – e construirmos – uma educação que seja, de fato, inclusiva, sensível à diversidade, acolhedora para com as bichas pretas, celebratória da vida em toda a sua riqueza, multiplicidade e complexidade.

É uma educação que não mais demoniza o “diabo” – essa figura historicamente usada para nomear o que foge à norma – mas o reconhece como anjo caído, rebelde e resiliente, que insiste em existir, brilhar e ensinar mesmo diante dos escombros deixados pelo preconceito, pela exclusão e pela violência sistêmica.

Se ainda houver alguma centelha de esperança para a educação brasileira, é possível que ela resida justamente na capacidade de escutarmos, com mais atenção e sensibilidade, as vozes que foram, durante tanto tempo, abafadas, silenciadas ou apagadas da história oficial. Megg Rayara, com sua escrita afiada como faca, generosa como abraço e insurgente como grito de rua, é uma dessas vozes urgentes. Uma voz que precisamos amplificar, ecoar com força e fazer chegar aos espaços formativos, às salas de aula, aos currículos escolares, às políticas educacionais.

Que este livro não seja apenas lido, mas que seja relido inúmeras vezes, discutido em rodas de conversa, debatido em encontros pedagógicos, sentido em toda sua potência afetiva, e vivido como um manifesto político-pedagógico. Um instrumento valioso na construção de uma educação que se quer, antes de tudo, mais humana, mais justa, mais afetiva – e, quem sabe, mais próxima daquilo que sonhamos quando falamos em transformação social."

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAETANO, Marcio. *Performatividades reguladas: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação*. Curitiba. Appris editora, 2016.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Salvador: Editora Devires, 2020.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, Jose Antonio. *Menina que se comporta como menino, menino que se comporta como menina: o que podemos aprender com essas crianças que teimam em ser dissidentes?* In: RODRIGUES, Alexsandro. *Crianças em Dissidências: narrativas desobedientes da infância*. Salvador: Devires, 2018.

_____; CORRÊA, Renan; FREIRE, Priscila. *Gêneros e Sexualidades: noções, símbolos e datas*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Dos Autores, 2021.